

«Convergência» dedicou uma parte considerável da sua última edição televisiva a Almada Negreiros. Não podia ter escolhido melhor tema, nem ocasião mais apropriada.

Dois poetas estabeleceram uma troca de impressões acerca da obra e da personalidade de Almada. Alfredo Gusado, sobrevivente do movimento orfaico e Fernando Grade, jovem escritor também dado à crítica de televisão num conhecido semanário de actualidade nacional e internacional, analisaram alguns dos aspectos, mais discutidos da obra de Almada Negreiros.

Fernando Grade preocupou-se em evidenciar o quantitativo e o qualificativo em mestre Almada e aí parece-nos que não foi muito feliz no modo como estruturou a sua tese.

De facto, Almada foi tudo: pintor, romancista, poeta, novelista, dramaturgo. Ai Fernando Grade levantou um óbice, vendo nesta só aparente dispersão a grande falha do mestre.

Somos, em boa verdade pessoas muito agarradas aos conceitos e às ideias preconcebidas, às ideias feitas. Em Portugal não raro se houve dizer de um escritor: «É uma pena, fulano escreve bem, tem talento, mas é um dispersivo: faz poesia, escreve prosa, é crítico literário, escreve teatro e é também ensaísta; se fosse só uma destas coisas poderia ser alguém, iria longe...»

Somos, sem dúvida, limitados e tantas vezes mesquinhos nas apreciações e nos juízos que fazemos sobre os outros. E tal atitude não nos dignifica.

Na verdade Almada Negreiros tocou várias teclas. Da pintura ao romance a distancia é naturalmente grande. Mas atenção: em todas as suas manifestações artísticas e intelectuais se fixou para sempre, a força indestrutível e irrefutável de uma visão transcendentalmente original, de uma mensagem — seja-me permitida essa expressão tão manuseada e equivocada em certos momentos e em determinadas circunstâncias — repleta de aventura formal e temática, que recusou sempre o acessório, que rejeitou o convencional e o «bonitinho». Em todas as suas manifestações, Almada atingiu a perfeição e exprimiu, como poucos, a força da sua arte e do seu imperecível talento. Quantos escritores contemporâneos, nossos conhecidos, não dariam tudo ou quase tudo pelo prestígio de Almada? Pessoalmente não troco o seu livro «A Enxadaeira» por muita obra de ficção solenemente feita e apresentada como única. E muitos romancistas só apenas romancistas não lograram alcançar ainda na sua volumosa obra uma terça parte do significado da obra «universalizada» de Almada Negreiros.

Por aqui se vê que não estamos totalmente de acordo com as palavras proferidas ontem pelo jovem poeta, também ele disperso por várias manifestações artísticas e intelectuais.

Não é assim, Fernando Grade?

A dispersão não diminui o artista quando ele sabe explorar as cadências do seu génio. António Pedro também se virou para os quatro pontos cardeais. E, em todos eles deixou a marca indelével do seu talento.

Que tal, Fernando Grade se todos os nossos escritores os mais discutidos na praça pública, ao morrer, levassem ao matrimónio artístico do País obras tão raras e multiformes como estas deixadas por Mestre Almada e António Pedro?

«Pela boca morre o peixe e parece-nos — mau grado o apontada, a boa presença e a loquacidade do homem interlocutor de Alfredo Gusado — que Fernando Grade, cuja versatilidade é sobretudo conhecida (arte plástica, mesmíssima ficção, crítica literária notável) não soube jogar no tema pelo seu melhor ângulo. De qualquer modo o debate foi útil e promoveu controvérsia. Pelo menos assim neste apontamento de crítica televisiva.

MÁRIO DIAS RAMOS